

LA AGB – 1961/1962 – Un testimonio

AGB – 1961/1962 – A testimony

Manoel Correia de ANDRADE

Hoje não é fácil falar sobre a AGB de quase cinquenta anos atrás, quando ela era uma associação científica formada por um pequeno número de associados que se dividia em dois grupos, o de sócios efetivos, pouco numerosos e composto de pessoas já experimentadas e com trabalhos publicados, e o dos sócios cooperadores, formado por jovens professores, por estudantes e por não geógrafos, mas interessados por estudos geográficos. Formada predominantemente por profissionais radicados do Rio de Janeiro e em São Paulo, a associação possuía pequenos núcleos ou seções em outros estados do país, como o Paraná, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco. Alguns destes núcleos já publicavam boletins, nem sempre com regularidade, enquanto os do Rio e São Paulo saíam regularmente.

Anualmente a Associação dos Geógrafos Brasileiros realizava um Assembléia Geral onde eram apresentadas, pelos associados, teses e comunicações previamente aceitas, ou não, por uma comissão. Em seguida, os geógrafos presentes se dividiam em quatro grupos de pesquisa de campo que, após dois ou três dias de trabalho, apresentavam os resultados ao plenário, através de um relatório. A XVI Assembléia Geral Ordinária realizou-se em Londrina, no norte do Paraná, sob a presidência do Prof. Dr. Pasquale Petrone, tendo desenvolvido seus trabalhos de 07 a 17 de julho de 1961. Concluída a referida assembléia, foram realizadas as eleições que escolheram o Prof. Dr. Manoel Correia de Oliveira Andrade para presidente, tendo como secretário o Prof. Dr. J. R. de Araújo Filho, como Tesoureiro geral o Prof. Dr. José Francisco de Camargo e como Diretora dos Anais, a geógrafa Dora do Amarante Romariz. O professor Aroldo de Azevedo foi reeleito com um mandato de três anos para membro da Comissão Executiva. A nova diretoria foi eleita e empossada, em Londrina, em 17 de julho.

Sendo um geógrafo do Nordeste, o novo presidente tratou de organizar a XVII Assembléia na região, como o fizeram, anteriormente, dois presidentes nordestinos, o Prof. Mario Lacerda de Melo, em 1955, e o Prof. Gilberto Osório de Andrade, em 1960. Dentre as cidades que o atraíram por suas características próprias e pela variedade de paisagens em torno da mesma, o presidente se definiu por realizar a Assembléia na cidade de Penedo, em Alagoas.

Tratou de procurar apoio do governo alagoano, logo conseguido, face à boa receptividade à idéia, por parte do então governador, Gal Luís Cavalcanti, e do vice-governador, o Dr. Teotônio Vilela. Na tarefa de organização ele contou com grande ajuda do engenheiro Cláudio Randolfo de Paiva Lima e do antropólogo José Heskett Lavareda. Entre, outras autoridades contou com o mais decidido apoio do economista Celso Furtado, então superintendente da SUDENE.

O país atravessara um momento muito difícil, face à situação de instabilidade em que se encontrava, sob o governo de João Goulart, e a luta que se travava entre as forças de esquerda, que tentavam realizar as chamadas "reformas de base", e as direitas, já em plena conspiração e, apoiadas pelos americanos, procuravam manter as estruturas existentes e conter o movimento reformista. Esta luta repercutia, naturalmente, no meio geográfico, sobretudo no que dizia respeito à reforma agrária, à reforma urbana e ao problema da direção e da intensidade do planejamento. No caso do Nordeste, era intensa a preocupação com a questão regional, o que levou a direita e os executivos estaduais a moverem forte oposição à ação do economista Celso Furtado.

Apesar dos entraves, conseguimos superar os problemas e foi realizada, de 06 a 16 de julho, a XVII Assembléia Geral da AGB.

A diretoria do órgão contou não só como o apoio de órgãos externos à mesma como

Terra Livre	São Paulo	Ano 20, v.1, n. 22	p. 211-212	Jan-Jul/2004
-------------	-----------	--------------------	------------	--------------

com a colaboração da população local e das instituições científicas nacionais, regionais e estaduais; e contando com o apoio dos colegas que faziam a Associação, mesmo com as grandes divergências político-ideológicas que ocorriam no seu quadro social. Assim, ela deu a maior ênfase aos problemas ligados à reforma agrária, desenvolvendo pesquisas na área fumageira de Arapiraca, no vale do baixo São Francisco, na região policultura de Itabaiana, em Sergipe, além do estudo da geografia urbana da histórica cidade de Penedo. Foi realizada uma Mesa Redonda sobre Geografia e Planejamento Regional, dirigida pelo geógrafo Orlando Valverde, na qual os debatedores alguns dos mais eminentes sócios da AGB, como Caio Prado Junior, Orlando Valverde, Mario Lacerda de Melo, Milton Santos, Lysia Bernardes, Nice Lecoq Muller, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro etc.

Os trabalhos de campo foram especificamente desenvolvidos nas quatro áreas já salientadas: Arapiraca, zona de grande ocorrência de pequenas propriedades e de cultura do fumo, dirigido pela geógrafa do IBGE, Elza Coelho de Souza Keller; baixo São Francisco, sobretudo área de cultura do coco e do arroz nas famosas lagoas marginais do grande rio, dirigida pelo professor da Universidade de São Paulo, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro; a região policultura no Agreste Sergipano e onde, ao lado da cultura da terra, havia artesanato expressivo em jóias e bijuterias, que tornavam a cidade um expressivo pólo sub-regional, sob a direção do então professor da Universidade Federal da Bahia, o geógrafo Milton Santos e, finalmente, a equipe urbana conduzida pela professora Lysia Cavalcanti Bernardes. Infelizmente, dos quatro relatórios apenas o do Baixo São Francisco foi redigido e publicado pela AGB. Tornando-se um importante depoimento para os que, hoje, estudarem a região, observando as mudanças realizadas através das várias políticas de intervenção federal, os resultados obtidos a quem elas serviram, porque tiveram a orientação aplicada e a quem beneficiaram. Não perdeu a atualidade, já que até hoje se luta por uma reforma agrária que beneficie a grande população do campo e freie o êxodo rural que tanto transtorno traz à população urbana.

O simpósio teve muito boa repercussão porque situou o papel que o geógrafo tem a desempenhar no planejamento impedindo que este se transforme em jogo de modelos idealizados e sem compromisso com a realidade a que deve ser aplicado.

Foi realizada uma excursão pelo rio São Francisco, no vapor Comendador Peixoto, com coquetel oferecido pela Comissão do Vale do São Francisco, que contava com uma Delegacia em Penedo, que foi substituída pela CODEVASF. Nessa excursão turística, o geógrafo pôde ter uma idéia da variação da paisagem no baixo curso do rio e as mudanças ocorridas na vegetação e na ocupação da terra, à proporção que as águas vão se salinizando devido à influência das marés. Pôde ver também a alternativa e depois a substituição gradativa dos arrozais pelos coqueirais.

Concluída a Assembléia, foi eleita uma nova diretoria, composta pelo professor Dr. Milton Almeida dos Santos, da UFBA, como presidente, e reeleitos o Prof. J. R. de Araújo Filho para a Secretaria Geral, o Prof. José Francisco Camargo para a Tesouraria Geral e a geógrafa Dora do Amarante Romariz para a direção dos Anais. A professora Lysia Bernardes foi eleita com um mandato de três anos para compor o Conselho Consultivo.